

Capitu: uma nova maneira de se relacionar com a televisão¹

Adriana Pierre COCA²

Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, PR

Resumo

O presente artigo pretende refletir sobre o diálogo entre as linguagens no atual cenário de convergência midiática, usando como *corpus* a microssérie global *Capitu*, por se tratar de um produto televisual paradigmático na produção audiovisual dos últimos anos. Com base nos conceitos de hibridismo e convergência das mídias pretendemos observar em quais aspectos essa produção inova e renova a linguagem da TV. O principal autor que dará suporte a essa reflexão é Arlindo Machado, outros teóricos serão usados como aporte suplementar sempre que se fizerem relevantes para o entendimento das características do produto audiovisual estudado.

Palavras-chave: hibridismo; linguagens; televisão; ciberespaço; novas mídias.

Introdução (A História)

No século XIX, Wagner dizia que a ópera era a síntese de todas as artes. Depois, Eisenstein reivindicou para o cinema esse poder de condensar todas as outras formas de expressão. Hoje, o diretor inglês Peter Greenaway considera que a televisão cumpre esse papel.

Arlindo Machado

Quando o autor Arlindo Machado (2000) escreveu essas palavras há mais de uma década ainda não tinha ido ao ar na TV brasileira a microssérie *Capitu* que tão bem exemplifica essa reflexão, Machado na ocasião se referia ao cineasta britânico radicado na Holanda Peter Greenaway para falar sobre a produção de *M is for Man, Music and Mozart* exibida pela BBC de Londres em 1991 em comemoração ao bicentenário de Mozart, esse especial faz parte de uma relação de trinta programas que o autor considera os mais importantes da história da televisão. *M is for Mozart* é um trabalho multimídia que une e ao mesmo tempo dissolve as fronteiras entre cinema, música, teatro, balé, computação gráfica e texto escrito. Vinte anos depois é colocada no ar a microssérie *Capitu*, que também inquieta e mescla cinema, teatro e faz com que a ópera encontre mais uma vez a TV. *Capitu* também nasce para prestar uma homenagem, a produção faz parte das comemorações do

¹ Trabalho apresentado no GP Ficção Seriada do XII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná (PPGCOM-UTP) pierrecoca@hotmail.com

centenário da morte do escritor Machado de Assis, ela é baseada no romance *Dom Casmurro*, uma das obras mais lidas da literatura brasileira.

O diretor Luiz Fernando Carvalho assim como Peter Greenaway transita entre o cinema e a televisão, sempre esteve à frente de projetos pouco convencionais na TV, como os também surpreendentes *Hoje é dia de Maria*³ de 2005 em duas jornadas, uma mistura de folclore e teatro com muitos elementos simbólicos, inspirada no texto do dramaturgo Carlos Alberto Sofredini e *A pedra do reino*⁴ de 2008, uma homenagem aos 80 anos de Ariano Suassuna, esse último e *Capitu* fazem parte do Projeto Quadrante proposto por Luiz Fernando Carvalho à TV Globo, que tem como objetivo traduzir ou talvez seja mais adequado dizer, recriar obras da literatura brasileira, com elenco e mão de obra dos lugares onde as produções são gravadas.

O crítico de TV Flávio Ricco (2009) arriscou dizer que a suspensão do Projeto Quadrante na emissora, se deve ao fracasso atribuído aos dois primeiros trabalhos que não fizeram jus ao sucesso de crítica e audiência obtido com *Hoje é dia de Maria*, se o Projeto Quadrante terá continuidade ou não ainda não sabemos, mas até então as outras duas obras planejadas para serem produzidas não saíram do papel, são elas: *Dois Irmãos* de Miltom Hatoum e *Dançar Tango em Porto Alegre* de Sérgio Faraco. Atualmente, o diretor Luiz Fernando Carvalho trabalha na seleção de atores para a microssérie *Subúrbia*, um especial de fim de ano da TV Globo que escreve e dirige ao lado do também cineasta Paulo Lins.

Há nuances muito delicadas quando pensamos em sucesso ou fracasso de uma obra audiovisual, produções tão ousadas quanto *Capitu* podem ou não agradar a crítica e ainda conquistar a audiência, acreditamos que fazer e até mesmo escrever sobre televisão é comparável a transitar em um terreno cheio de minas, para começar dizer que gostamos de TV já soa um pouco estúpido, parafraseando Machado no início do seu livro *A televisão levada a sério*, quando ele diz: “De fato, não soa muito inteligente dizer-se apaixonado pela televisão”. (MACHADO, 2000, p.9).

Mas a questão vai muito além, mesmo não atingindo a audiência desejada *Capitu* sem dúvida deixou um legado à TV brasileira. Consideramos a experiência algo

³ *Hoje é dia de Maria* primeira jornada foi ao ar pela TV Globo de 11 a 21 de janeiro de 2005 e a segunda jornada de 11 a 15 de outubro de 2005. A minissérie misturou a linguagem do teatro de bonecos à linguagem do vídeo e também fez uso de animação, todas as cenas foram gravadas em um Domus, uma espécie de cúpula que abrigou um cenário em 360° chamado de ciclorama, em seu interior as imagens foram pintadas à mão. Cenário e figurino foram produzidos a partir de material reciclado.

⁴ *A pedra do reino* é baseada no livro *O Romance d'a Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta*, é uma coprodução da TV Globo com a produtora independente Academia de Filmes e foi rodada em 16 mm, só depois finalizada em alta definição. As filmagens aconteceram em Taperoá, na Paraíba.

estranhador e mais uma vez recorreremos a Machado (2000) para se justificar, no mesmo livro ele se refere a Geoff Mulgan para classificar diferentes acepções para se pensar qualidade no meio televisual, entre elas, a qualidade técnica vinculada a boa fotografia, a um roteiro interessante e uma interpretação impecável ou aquela capaz de detectar as demandas de audiência e também a “uma particular competência para explorar os recursos da linguagem numa direção inovadora, como o requer a abordagem estética.” (Mulgan apud MACHADO, 2000, p.25). Portanto, consideramos que *Capitu* seguiu esses passos quando rompeu os paradigmas da estética e da narrativa tradicionais.

Daniel Filho diz que “as minisséries são o melhor veículo para a adaptação de romances” (FILHO, 2003, p. 63), mas embora sejam recorrentes nas minisséries os temas adaptados da literatura é com muita sensibilidade que o diretor de *Capitu* diz que a proposta foi outra. A opção por não usar o mesmo título que o livro foi um dos recursos de Luiz Fernando Carvalho para deixar claro que não se trata exatamente de uma adaptação literária, ele diz que não acredita em adaptações porque elas são um “achatamento da obra, o assassinato do texto original” assim “a ideia da aproximação ficaria ainda mais clara, revelando não se tratar apenas da transposição de um suporte para outro e sim de um diálogo com a obra original.” (CARVALHO, 2008/2009)⁵

Como se concretizou essa “aproximação” é a discussão central desse artigo que terá como fio condutor as discussões sobre o imbricamento entre as linguagens no atual cenário da convergência entre os meios.

Capitu foi ao ar em 05 capítulos de 09 a 13 de dezembro de 2008, a terminologia microssérie foi adotada pela TV Globo para se referir aos formatos televisuais que compreendem histórias de ficção seriada em poucos capítulos. É por isso que nessa comunicação vamos nos referir a produção como microssérie, que é uma derivação de minissérie.

Mesmo com curta duração *Capitu* causou um impacto que reverbera até hoje quando recorreremos à memória recente da teledramaturgia, a escolha para discutir as relações do hibridismo das linguagens não foi aleatória, a microssérie nos oferece elementos pontuais que servem para pensar essa relação sob a ótica de outro Machado, Arlindo Machado, um dos principais pensadores do audiovisual no Brasil, um apaixonado pelas imagens,

⁵ Ver DVD *Capitu*. Direção: Luiz Fernando Carvalho. Rio de Janeiro: TV Globo, 2008/2009.

pesquisador da fotografia, do cinema, do vídeo e das mídias digitais, a principal vertente teórica que dá suporte a nossa discussão têm como base as reflexões desse autor.

Além do que, este ano comemoramos três décadas da primeira minissérie brasileira produzida pela TV Globo, *Lampião e Maria Bonita* escrita por Doc Comparato e Aguinaldo Silva e protagonizada por Lúcia Alvez e Nelson Xavier, sua estreia foi em 26 de abril de 1982 e ocupou a faixa de programação das 22 horas, até agora (Maio de 2012) foram produzidas pela TV Globo mais de 65 minisséries/microséries. Só não houve produções desse formato nos anos de 1987, 1996 e 1997. (MUNGIOLI, 2009)

O Início

A vinheta de abertura de *Capitu* criada pela produtora Logo renova ao recorrer a uma animação em *Stop Motion* realizada manualmente. Folhas amassadas e recortadas que lembram livros e revistas velhas vão se mesclando com imagens das personagens em uma colagem acelerada. Esse mesmo recurso pontua toda a história que é contada como se fossem pequenos capítulos de um livro, essas vinhetas de menor duração conhecidas como cartelas funcionam como subtítulos da trama.

Aqui gostaríamos de traçar um paralelo com o inventor da narrativa clássica, D.W.Griffith, o cineasta norte-americano, um dos precursores da sétima arte usou em uma de suas obras-primas, uma vinheta que introduzia os diferentes trechos/capítulos do filme no longa-metragem *Intolerância*, de 1916, nele quatro histórias contadas em diferentes espaços e tempos se desenrolam paralelamente, o recurso para sinalizar a mudança de uma para outra é uma vinheta com uma cena enigmática, uma mulher balança um bebê em um berço, uma penumbra os rodeia em um dos cantos da tela três figuras parecem observar mãe e filho, a cena é deslocada de todas as histórias que estão sendo contadas, está ali apenas para sinalizar a passagem. Nessa mesma produção, há legendas que ajudam o espectador a interpretar a história, essas telas com texto não são exatamente uma substituição aos diálogos, essas legendas também dividem o filme e se assemelham as vinhetas/cartelas de *Capitu*, lembrando que nesse momento ainda não havia som no cinema, o primeiro filme com som só surge em 1927.

Mais recentemente, *Kill Bill* (2003/2004) do cineasta Quentin Tarantino deu vida a separação por capítulos de uma história contada em *flashback*, *Capitu* também é construída em cima de lembranças e tanto a divisão em “capítulos” quanto os recursos visuais que vamos detalhar adiante reforçam essa característica da narrativa.

A história dividida em tópicos com títulos curtos, trechos/atos, é também uma das referências à ópera. Aliás, ópera é o título do capítulo 9 de *Dom Casmurro*.

Após o trabalho manual as vinhetas de *Capitu* receberam um tratamento no computador, afinal as “novas mídias” são aliadas poderosas na criação da identidade visual das emissoras como um todo e de cada um dos seus programas.

As Novas Mídias

Nas palavras de Lev Manovich,

as novas mídias são objetos culturais que usam a tecnologia computacional digital para distribuição e exposição. Portanto, a internet, os sites, a multimídia de computadores, os jogos de computadores, os CD-ROMs e o DVD, a realidade virtual e os efeitos especiais gerados por computador enquadram-se todos nas novas mídias. (MANOVICH, 2005, p. 27)

A relação de *Capitu* com as novas mídias começou antes mesmo de sua chegada à TV, a microssérie contou com uma ideia simples na sua campanha de divulgação, o site oficial interativo, “convidava” o internauta para participar de uma leitura coletiva da obra de Machado de Assis, você entrava no site, escolhia um trecho de *Dom Casmurro*, gravava e compartilhava. A iniciativa ganhou o nome de Projeto Mil Casmurros e conquistou o Leão Relações Públicas no Festival Internacional de Publicidade em Cannes, na categoria novas mídias.

Outra ação com desdobramento na internet foi o “*DVDCrossing*”, a distribuição de cerca de dois mil DVDs com um clipe com imagens inéditas de *Capitu*, esse material foi deixado em locais públicos de cinco capitais brasileiras (São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Recife e Brasília), quem encontrasse tinha orientação para assistir e dizer o que achou no site www.passeadiantecapitu.com.br e depois repassar o material formando assim uma espécie de corrente cultural.

Fechine e Figuerôa reafirmam a preocupação das emissoras de TV em desenvolver estratégias casadas entre a TV e as outras mídias.

Como parte do esforço para manter e atrair públicos, as grandes emissoras de televisão começam a tirar proveito da convergência, investindo mais fortemente no emprego articulado de outras mídias para expansão da experiência televisiva, adotando um conjunto de estratégias conhecidas como transmídiação. (FECHINE ;FIGUERÔA, 2011, p.17)

Entendemos convergência como conceituada por Henry Jenkins “um fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação.” (JENKIS, 2009, p.29) Dessa forma a ação proposta pela agência de publicidade contratada pela TV Globo foi decisiva para levar a microssérie além dos limites da TV.

Jenkins (2009) diz ainda que no atual cenário da convergência midiática o conteúdo se converge e o consumidor mais participativo encontra novas formas de se relacionar com as mídias. Portanto, a convergência não é só tecnológica ou de conteúdo é também econômica.

Em *Capitu*, as inúmeras possibilidades que a internet oferece nesse diálogo com a televisão vão muito além da divulgação sobre a trama, no site oficial, por exemplo, podemos escrever com um giz/mouse como os protagonistas adolescentes fazem em cena, comprar o DVD com a microssérie ou o livro do romance *Dom Casmurro*, além das informações de bastidores, perfis das personagens, fotos, vídeos e visualizar os créditos.



Figuras 01 e 02 – Site oficial da microssérie *Capitu* <http://capitu.globo.com/>

A ação publicitária e as possibilidades oferecidas ao espectador/consumidor no site oficial que está no ar até hoje mostram a preocupação da TV Globo na inter-relação da TV com a internet, motivo que levou a emissora a criar em 2010 um departamento dedicado a pensar as ações multimídias, o Departamento Transmídia e com isso a contratar profissionais com um cargo até então inédito na TV, produtores de conteúdo transmídia, responsável entre outras ações por monitorar o *blog* de determinada personagem de uma obra ficcional.⁶

⁶ Informações obtidas durante apresentação de Alex Medeiros, responsável pelo Departamento Transmídia da TV Globo durante III Encontro OBITEL Nacional de Pesquisadores de Ficção Televisiva nos dias 21 e 22 de novembro de 2011, em São Paulo.

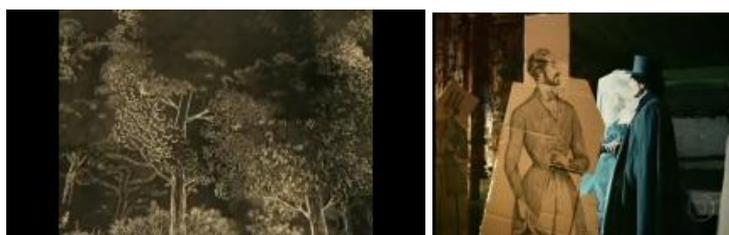
As Passagens

Arlindo Machado no livro *Pré-cinemas & pós-cinemas* vai usar a expressão “mestiçagem das imagens” para falar do processo de configuração híbrida que envolve um fluxo de imagens sobrepostas que exige do receptor, reflexos rápidos para apreender as conexões, já nas palavras de Raymond Bellour (Bellour apud MACHADO, 2011, p.216), isso seria uma poética das imagens, quando as fronteiras formais e materiais se dissolvem. “As imagens são compostas agora com base em fontes as mais diversas: parte é fotografia, parte é desenho, parte é vídeo, parte é texto produzido por geradores de caracteres e parte é modelo gerado em computador.” (MACHADO, 2011, p.216)

Várias composições de imagens em *Capitu* nos remetem a essa mistura, tudo está ali integrado e exemplificam o conceito de entre-imagens lançado por Bellour para explicar o diálogo entre o cinema e as imagens eletrônicas e digitais. (PARENTE;CARVALHO, 2009)



Figuras 03 e 04 – *Frames* do DVD *Capitu*



Figuras 05 e 06 – *Frames* do DVD *Capitu*

Capitu remete ao questionamento de Machado (2011) em relação ao conceito de plano, originalmente o plano tem uma função de ordenamento, a maneira como se organizam os planos em um filme conduz o olhar do espectador, sugerindo uma determinada leitura, mas esse conceito que vem do cinema tradicional se torna inadequado quando os meios audiovisuais começam a fazer uso de um plano híbrido, como os trabalhos de Peter Greenaway, em o desconcertante *Prosperos's Book* de 1991 traduzido no Brasil como *A última tempestade* ele utiliza recursos multimidiáticos para traduzir a obra do não

menos instigante escritor e dramaturgo William Shakespeare. “Greenaway cria um cinema de referências, de citações, de recriações paródicas, no contexto polifônico de seus filmes regidos pelo experimentalismo cênico, teatral, operístico e pictórico.” (ARAÚJO; BARBOSA, 2008, p.54)

Guimarães corrobora com as autoras ao dizer que “sua obra realiza uma das mais perfeitas apropriações dos recursos eletrônicos, para a celebração da união entre a literatura, teatro, televisão e cinema.” (GUIMARÃES, 2005, p.13)

Tanto na obra de Greenaway como nas produções de Carvalho observamos elementos dessa mestiçagem das imagens.

A microssérie, por exemplo, resgata o espaço cênico do teatro, como uma espécie de metalinguagem revela os cenários, as luzes, as paredes descascadas, como se propositalmente quisesse nos mostrar os bastidores.

Capitu foi rodada no prédio do Automóvel Clube do Brasil no centro do Rio de Janeiro, um galpão imenso que estava abandonado. O cenário mínimo nos faz lembrar outra obra cinematográfica que quebra os paradigmas da narrativa clássica, *Dogville* de 2003, dirigida por Lars von Trier, o filme também tem um cenário sucinto e foi todo filmado em um galpão na Suécia. Lars von Trier assim como Luiz Fernando Carvalho é um daqueles “inventores” do audiovisual, avesso as convenções.



Figuras 07, 08 e 09 - Frames do DVD *Capitu*

Segundo a equipe de produção, a luz, o figurino e os objetos de cena foram planejados para dar a esse vasto ambiente o que chamam de “tom operístico”, a figurinista Beth Filipeck conta que para estabelecer um diálogo com a memória, “trabalhou com o reaproveitamento de peças (...) adereços de Dona Glória, a mãe de Bentinho estão presentes nos trajes simbólicos e volumosos de *Capitu*.” (FILYPECK, 2008)⁷

Outro elemento visual nos permite vislumbrar mais um diálogo entre *Capitu* e o cinema de Greenaway: as escrituras, textos sendo escritos na tela, essas imagens lembram

⁷ Informações do site oficial disponível em <http://capitu.globo.com/> Acesso em 23/05/2012 às 21h03.

outro experimento do cineasta, o filme *The Pillow Book* ou *O Livro de Cabeceira* de 1996, que une pintura ideográfica, cinema e teatro, nele a personagem principal Nagiko cultiva a escrita em seu próprio corpo.

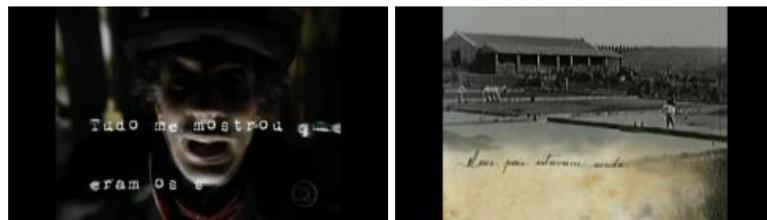


Figuras 10,11 e 12 – Frames do filme *The Pillow Book*



Figuras 13, 14 e 15 – Frames do DVD *Capitu*

Nessas imagens as letras aparecem como verdadeiras pinturas, mas o recurso do gerador de caracteres também foi explorado em *Capitu*. Sobre isso Machado (2011) lembra que uma das conquistas mais interessantes da vídeo-arte foi recuperar o texto verbal e trabalhá-lo junto com o icônico.



Figuras 16 e 17 - Frames do DVD *Capitu*

A Imaginação

Essa fusão de linguagens carrega o espectador para um universo onde a imaginação se faz necessária para que a obra se complete. Para Anna Maria Balogh (2002), as minisséries são o produto mais completo do ponto de vista estrutural da dramaturgia, quando vai ao ar está praticamente pronta, dificilmente sofre as influências de *merchandising* político e social, sempre foi considerada uma produção mais acabada e por isso destinada a um público mais qualificado, que vê TV após 22h. Nessas condições fica

mais fácil construir uma obra mais autoral, menos manipulável que as demais narrativas ficcionais televisuais e sendo assim experimentar textos mais poéticos, que permitam “convidar” o espectador a imaginação. Poético no sentido de prevalecer à função poética da linguagem, centrada na mensagem, como definida pelo linguista Roman Jakobson no célebre ensaio “Linguística e Poética”. (Jakobson apud BALOGH) Balogh acrescenta ainda que “a minissérie pode se tornar um espaço para testar os limites do televisual e enfrentar o desafio de inovar a linguagem ou de ultrapassar as próprias servidões da linguagem televisual.” (2002, p.127)

Isso nos ajuda a entender porque *Capitu* pôde ser concebida com características tão singulares, as brechas para que o espectador faça uso da imaginação estão ali e a cada cena nos deparamos com um elemento inesperado, no mínimo pouco convencional para o que estamos acostumados a ver na televisão.

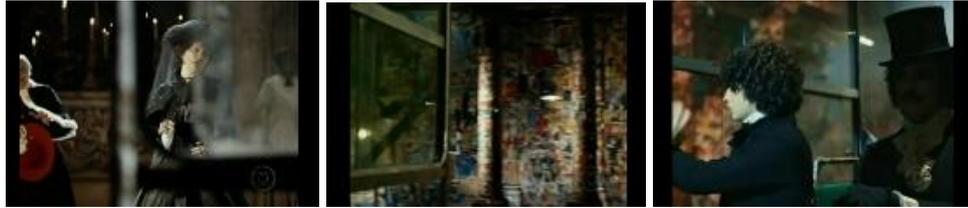
No capítulo de estreia, Bentinho e Capitu ainda adolescentes conversam em frente ao portão da casa de Capitu, o que vemos são os atores e o jardim desenhado com giz no chão, um momento de beleza na telinha e um convite explícito a imaginação do espectador menos atento.



Figura 18 - Frame do DVD *Capitu*

A iconografia atual tem relativizado bastante os aspectos “indiciais” da imagem técnica, ou seja, o seu caráter de registro, os efeitos da impressão direta do “real” sobre um suporte, isso que se reconhece na semiótica peirciana como secundidade. Em contrapartida, ela agora se mostra também como intervenção gráfica, como iconografia em si (primeiridade na classificação peirciana) e como informação conceitual, expressão de um saber, efeito de conhecimento (terceiridade). (...) A imagem se oferece, portanto, como um “texto” para ser decifrado ou “lido” pelo espectador (os vídeos e filmes de Peter Greenaway são a própria evidencia disso) e não mais como paisagem a ser contemplada. (MACHADO, 2011, p.191)

Em outra cena, quando Bentinho está indo para o seminário, se despede da família e embarca em um ônibus representado apenas por bancos e pela janela.



Figuras 19, 20 e 21 - *Frames do DVD Capitu*

Nesse mesmo capítulo, Capitu houve o vendedor de cocada gritar na rua, vemos a personagem subir as escadas e não há móveis, não há paredes, essa completude fica por conta de quem assiste.



Figuras 22, 23 e 24 - *Frames do DVD Capitu*

O Véu

A Capitu que conhecemos é sob a ótica de Bentinho, tudo o que sabemos dela vem das palavras/narração do nosso protagonista. A profunda perturbação da personagem fica evidente nos enquadramentos em primeiros planos.



Figuras 25, 26 e 27 - *Frames do DVD Capitu*

Algumas dessas imagens se apresentam sob a forma de anamorfozes, que segundo Machado “(...) não são mais do que desdobramentos perversos do código perspectivo, mas o efeito por elas produzido resulta francamente irrealista.” (MACHADO, 2011, p. 207). O termo é emprestado do estudioso Jurgis Baltrusaitis.



Figuras 28 e 29 - *Frames do DVD Capitu*

No percurso da história da arte, os movimentos da arte moderna já buscavam a desconstrução da imagem realista e a imagem eletrônica torna essa possibilidade totalmente possível, uma vez que é mais maleável e, portanto, suscetível a anamorfoses. (MACHADO, 2011) Para conseguir esse resultado inédito, o diretor fez uso de um recurso técnico criado especialmente para a microssérie, uma lente de cerca de 30 centímetros, uma espécie de gelatina que era colocada em frente à câmera, em cena, imagens que parecem o olhar de alguém com catarata, uma imagem com pouca definição.



Figuras 30 e 31 - *Frames do DVD Capitu*

As referências ao cinema mudo que muito se falou na época da exibição de *Capitu* se deve a um trabalho belíssimo que recorria a imagens com texturas e em preto e branco.



Figuras 32 e 33 - *Frames do DVD Capitu*

O Som

Como não poderia deixar de ser, um hibridismo sonoro se faz presente em *Capitu*. Além da trilha original, há também música clássica e canções brasileiras e de grupos de rock internacionais, a banda nacional Manacá que tem como vocalista Letícia Persiles, a atriz que interpreta a Capitu menina fez um trabalho de recriação da música *Quem Sabe* de Carlos Gomes, especialmente para a microssérie. Tudo isso se mescla ainda ao som pesado de Janis Joplin, Jimi Hendrix e Black Sabbath, tem também uma interpretação de Fred Astaire para *Cheek to Cheek* e *Juízo Final* de Nelson Cavaquinho e Elcio Soares, mas o destaque ficou por conta de *Elephant Gun* da banda americana Beirut, nessa canção podemos ouvir trompete e ukulele, um instrumento havaiano.

Os idealizadores de *Capitu* justificaram a escolha da trilha como uma maneira de atrair um público jovem, já que é senso comum pensar na obra de Machado de Assis como uma leitura entediante para os leitores mais novos. Sobre esse aspecto recorreremos a Lev

Manovich, mais uma vez, para entender porque se aproximar desse público, o autor no texto *Comprender los medios híbridos* questiona:

Por que a revolução híbrida ganhou espaço? Por que a maioria das sequências de imagem em movimento que vemos hoje em dia utiliza a sobreposição de meios e a hibridização de diversas técnicas como princípio estético fundamental? Podemos indicar vários fatores sociais e culturais que podem ter intervenido (...) por exemplo: a criação de marcas (*branding*), a economia da experiência, os mercados que apontam aos jovens e a *Web*. (MANOVICH, 2012, p.6)⁸

Manovich quando reflete sobre a lógica da produção dos produtos híbridos justifica entre outros fatores a conquista do público jovem, dentro dessa perspectiva *Capitu* está nesta linha e usar como chamariz a trilha sonora só faz com que a música colabore com essa estratégia de aproximação e reforce a linguagem híbrida evidenciada.

O Fim

Ao longo dessa reflexão procuramos observar os elementos das linguagens híbridas presentes na microssérie *Capitu* e nesse percurso foi possível apontar referências ao cinema, ao teatro, a ópera e constatamos também um tratamento inovador na composição da trilha sonora, que não se diferencia do conceito de hibridismo esclarecido pelo nosso autor de base, Arlindo Machado, que afirma o quanto nesse imbricamento dos meios, “muitas vezes, tornar-se impossível classificar um trabalho em categorias como cinema, vídeo, televisão, computação gráfica ou seja lá o que for. Talvez seja melhor falar simplesmente de cinema, no sentido expandido de *kínema-éματος+gráphein*, ou seja, a “arte do movimento”. (MACHADO, 2011, p.196)

Quando Machado (2006) fala “no sentido expandido” está resgatando um conceito cunhado pela primeira vez em 1970 no livro de Gene Youngblood “Expanded Cinema”, que para o autor é talvez um dos primeiros a pensar a convergências dos meios, ele acredita que a cinematografia vive uma nova ruptura da sua história para se transformar efetivamente no cinema expandido ou simplesmente audiovisual, porque segundo Youngblood a “escritura do movimento” na etimologia da palavra cinema inclui todas as formas de expressão baseadas no movimento, dessa forma a televisão também é cinema e o vídeo e a multimídia também.

⁸ Livre tradução da autora do espanhol, já traduzido do original em inglês pela Profª. Eva Noriega para http://historiaaiuna.com.ar/?page_id=11

Machado (2006) nos alerta que nesse momento em que os meios não são mais pensados em sua especificidade e o que interessa são as conexões, devemos também dar atenção às palavras do importante cientista social argentino, Néstor Canclini, que “propõe que pensemos os processos atuais de hibridação, no contexto das ambivalências, a massificação globalizada dos processos simbólicos e dos conflitos de poder que suscitam.”⁹ (MACHADO, 2006, p.8)

A preocupação do autor se centra na velocidade do fenômeno, uma vez que o processo de informatização forçada que vivemos atualmente chega a ser predatório, porque as fusões e mudanças tecnológicas são tão rápidas que gera exclusões, não há tempo para as pessoas se adaptarem. “Às vezes a condição híbrida pode assim mesmo dar a impressão de algum tipo de esquizofrênia.”¹⁰ (Idem).

Mas essa é uma discussão para outro texto, aqui constatamos que assim como Greenaway em *A última tempestade* Carvalho em *Capitu* soube “criar uma versão pós-moderna de uma obra clássica.” (GUIMARÃES, 2005, p. 19) E que das suas mãos nasceu uma microssérie que permite uma leitura mais autoral por parte do espectador e é nesse sentido que acreditamos que *Capitu* surge como uma nova maneira do espectador se relacionar com a televisão.

Referências

ARAÚJO, Denize. BARBOSA, Marialva Carlos. **Imagibrida: comunicação, imagem e hibridação**. Porto Alegre: Editoraplus, 2008.

BALOGH, Anna Maria. **O discurso ficcional na TV: sedução e sonho em doses homeopáticas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

FECHINE, Yvana; FIGUEIRÔA, Alexandre. **Transmidiação: explorações conceituais a partir da telenovela brasileira** in Ficção televisiva transmidiática no Brasil: plataformas, convergência, comunidades virtuais. Porto Alegre: Sulina, 2011.

FILHO, Daniel. **O circo eletrônico – fazendo TV no Brasil**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

GUIMARÃES, Denise Azevedo Duarte. **O hibridismo do cinema contemporâneo**. Contracampo: revista do programa de pós-graduação em comunicação, Niterói, v.13, p. 7-24, 2.º semestre 2005.

⁹ Livre tradução da autora do original em espanhol disponível em MACHADO, Arlindo. **Convergencia y divergencia de los medios** in revista Miradas, EICTV, La Habana, 2006 in http://historiaiuna.com.ar/?page_id=11 Acesso 30/05/2012 às 15h23.

¹⁰ Idem a 8

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. Trad. Susan Alexandria. 2ª ed. São Paulo: Aleph, 2009.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. 5ª ed. São Paulo: Senac, 2009.

_____. **Pré-cinemas & pós-cinemas**. 6ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2011.

MANOVICH, Lev. Novas mídias como tecnologia e ideia: dez definições in: **O chip e o caleidoscópio – reflexões sobre as novas mídias**. São Paulo: Senac, 2005.

MUNGIOLI, Maria Cristina Palma. **Minisséries brasileiras: um lugar de memória e de (re) escrita da nação**. Trabalho apresentado no II Colóquio Binacional Brasil-México de Ciências da Comunicação. De 01 a 03 de abril de 2009. São Paulo, SP.

PARENTE, André; CARVALHO, Victa de. **Entre cinema e arte contemporânea**. Revista Galáxia, São Paulo, n.17, p. 27-40, jun.2009.

Programas de televisão citados

A pedra do reino. Direção: Luiz Fernando Carvalho. Rio de Janeiro: TV Globo, 2008.

Capitu. Direção: Luiz Fernando Carvalho. Rio de Janeiro: TV Globo, 2008/2009.

Hoje é dia de Maria. Direção: Luiz Fernando Carvalho. Rio de Janeiro: TV Globo, 2005.

Lampião e Maria Bonita. Direção: Paulo Afonso Grisolli. Rio de Janeiro, 1982.

M is for Man, Music and Mozart. Direção: Peter Greenaway. Londres: BBC, 1991.

Filmes citados

Dogville, Lars von Trier, 2003.

Intolerância, D.W. Griffith, EUA, 1916.

Kill Bill, Quentin Tarantino, 2003/2004.

O Livro de Cabeceira, Peter Greenaway, 1991.

Webgrafia

Capitu. Disponível em <http://capitu.globo.com/> Acesso em 23/05/2012 às 21h03.

MACHADO, Arlindo. **Convergencia y divergencia de los medios** in revista Miradas, EICTV, La Habana, 2006 in http://historiaiuna.com.ar/?page_id=11 Acesso 30/05/2012 às 15h23.

MANOVICH, Lev. **Comprender los medios híbridos** in http://historiaiuna.com.ar/?page_id=11. Buenos Aires, 2008. Acesso em 30/05/2012 às 15h29.

Projeto Quadrante é suspenso na Globo. Disponível em <http://televisao.uol.com.br/colunas/flavio-ricco/2009/06/26/ult7278u115.jhtm>. Acesso 18/05/2012 às 14h28.